

## ARTIGOS

Eni Gonçalves da Silva Cambui<sup>I</sup>

Ana Luisa Alves Cordeiro<sup>II</sup>

### Ritmos da resistência - cantoras negras brasileiras sob o enfoque da interseccionalidade

Rhythms of resistance: analysis of academic Productions  
by black Brazilian singers



#### RESUMO:

Este artigo tem como panorama social a condição das mulheres negras brasileiras, suas resistências às opressões de raça, gênero e classe enquanto práxis educativa interseccional na construção da cultura das mulheres negras. O objetivo é refletir sobre como algumas cantoras negras brasileiras utilizam educativamente da música como um instrumento de resistência ao racismo, patriarcado e capitalismo, construindo uma cultura das mulheres negras de resistência às opressões, mas também afirmação da identidade negra. O aporte teórico utiliza-se dos campos do Feminismo Negro em interface com a Educação das Relações Étnico-raciais. Metodologicamente, é de abordagem qualitativa e se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica. Em nossa análise, destacamos exemplos de cantoras negras brasileiras que demonstram em suas obras uma forte conexão com temas de resistência de mulheres negras. Concluímos que suas práticas artísticas transcendem o entretenimento, exercendo um impacto significativo na práxis educativa interseccional, na conscientização coletiva sobre questões de raça, gênero e classe, voltadas para emancipação humana.


**Palavras-chave:** Mulheres negras; Cantoras; Feminismo negro; Interseccionalidade; Práxis educativa

#### ABSTRACT:


This article presents an analysis of the "Rhythms of Resistance" in Brazilian music, focusing on the contributions of black female singers as agents of social and cultural transformation. So we problematize, "How do Brazilian singers, particularly black women, use their music as an instrument of resistance and emancipation, within an educational and social awareness context?" Therefore, our objective is to understand the role of these singers in promoting social justice and building plural identities. We use a theoretical framework in the field of Black Feminisms, with analyzes of the artistic and educational practices of these artists in their music, and reflections on their contributions to the construction of a culture of resistance for black women and human emancipation. The methodology adopted is bibliographical research that involves a survey of articles, dissertations and theses on the productions of black Brazilian artists in the databases of the Capes Scientific Articles Periodicals portal, Capes Theses and Dissertations, IBICT Oasis and Google Scholar. In our analysis, we highlight examples of Brazilian singers who demonstrate in their works a strong connection with themes of resistance. We conclude that their artistic practices transcend entertainment, having a significant impact on educational praxis and collective awareness of issues of gender, race and power.

**Keywords:** Black women; Singers; Black feminisms; Intersectionality; Educational praxis

<sup>I</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso; Professora, Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil.

enicambui@gmail.com,  <https://orcid.org/0009-0000-7479-2053>

<sup>II</sup> Doutora em Educação pela Universidade Católica Dom Bosco; Professora, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT, Brasil.

analuisatri@gmail.com,  <https://orcid.org/0000-0003-3270-2376>

## INTRODUÇÃO

A pesquisa interseccional, a partir do Feminismo Negro, referente as questões de raça, gênero e classe tendo como *lócus* as lutas das mulheres negras é de grande relevância para a educação, a cultura e as artes, ou seja, para compreender a condição social das mulheres negras brasileiras, suas resistências às opressões de raça, gênero e classe enquanto práxis educativa interseccional na construção da cultura das mulheres negras. Para Patrícia Hill Collins<sup>1</sup> (2016):

[...] a cultura das mulheres negras pode fornecer o quadro de referência ideológica, ou seja, os símbolos e valores da autodefinição e auto-avaliação que ajudam às mulheres negras a verem as circunstâncias que modelam as opressões de raça, classe e gênero. [...] Portanto não existe uma cultura das mulheres negras que seja homogênea; existem construções sociais das culturas das mulheres negras que juntas formam a sua cultura. (Collins, 2016, p. 111).

O objetivo aqui é refletir sobre como algumas cantoras negras brasileiras utilizam educativamente da música como um instrumento de resistência ao racismo, patriarcado e capitalismo, construindo uma cultura das mulheres negras de resistência às opressões, mas também de afirmação da identidade negra. O aporte teórico utiliza-se dos

campos do Feminismo Negro em interface com a Educação das Relações Étnico-raciais. Metodologicamente, é de abordagem qualitativa e se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica, com base no levantamento de artigos, dissertações e teses nos bancos de dados do Portal de Periódicos e Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT Oasis e Google Acadêmico, utilizando os descritores “mulher negra”, “cantoras negras”, “música negra brasileira”, “ativismo”.

Em nossa análise, destacamos exemplos de cantoras negras brasileiras que demonstram em suas obras uma forte conexão com temas de resistência de mulheres negras. As pesquisas apresentam um foco especial em artistas como Dona Ivone Lara, Leci Brandão, Elza Soares e Luedji Luna. As práticas artísticas destas três cantoras transcendem o entretenimento, exercendo um impacto significativo na práxis educativa interseccional, na conscientização coletiva sobre questões de raça, gênero e classe, voltadas para emancipação humana.

O artigo está organizado em três momentos. No primeiro, intitulado “A construção da cultura das mulheres negras a partir de uma práxis interseccional de resistência às opressões e afirmação da identidade negra tendo como mediação

a arte”, abordamos conceitos centrais de nosso referencial teórico, como feminismo negro e sua categoria da interseccionalidade, oriundo do ativismo de mulheres negras, o qual hoje se constitui enquanto um campo teórico para entender a condição social de mulheres negras a partir da pesquisa acadêmica.

No segundo, intitulado “Caminhos metodológicos – abordagens e procedimentos”, descrevemos nosso percurso metodológico a partir da abordagem qualitativa, utilizando da pesquisa bibliográfica tendo como categoria a interseccionalidade. No terceiro, intitulado “O panorama de pesquisas acadêmicas sobre cantoras negras brasileiras”, analisamos o levantamento bibliográfico realizado. Além disso, o texto apresenta introdução, conclusão e referências.

## A CONSTRUÇÃO DA CULTURA DAS MULHERES NEGRAS A PARTIR DE UMA PRÁXIS INTERSECCIONAL DE RESISTÊNCIA ÀS OPRESSÕES E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA TENDO COMO MEDIAÇÃO A ARTE

O pensamento feminista negro surgiu em meio às águas do oceano Atlântico e à dura realidade da escravidão de pessoas negras africanas.

Sojourner Truth, nascida neste contexto e leiloada aos nove anos de idade como se fosse gado, tornou-se uma figura pioneira do feminismo negro. Em seu discurso improvisado “Eu não sou uma mulher?”, durante a Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, em 1851, Truth destacou que nunca recebeu ajuda para subir em carruagens ou evitar poças de lama, e compartilhou a angústia de ver muitos de seus treze filhos serem vendidos e escravizados. Esses trechos ilustram sua habilidade em articular questões de raça, classe e gênero, desafiando a noção de uma mulher universal (Akotirene, 2019).

Para Carla Akotirene (2019), as primeiras teorias feministas argumentaram tão somente combater os discursos masculinos produzidos pela ordem patriarcal, responsáveis por modelar as mulheres a serem obedientes filhas, boas esposas, mães compulsórias e cúmplices das violências praticadas contra elas. Entendemos aqui que o Feminismo Negro vai além do gênero, ele é visto por nós como intersecções de raça, gênero e classe.

Rosalia Lemos (2016) contextualiza o Feminismo Negro, destacando a publicação da Declaração Feminista Negra, que no ano de 1974 foi realizada pelo coletivo integrado por feministas negras e lésbicas, o qual estabelecia compromissos para o desenvolvimento de lutas contra a opressão racial, sexual, heterossexual e de classe. Assim, o Feminismo Negro foi definido como um movimento de

lógica política para combater as múltiplas e simultâneas opressões a todas as mulheres negras. A autora discorre sobre a importância dessa Declaração como um marco para a epistemologia feminista negra, uma vez que foi criado por ativistas, o que desconstrói a concepção de algumas ativistas do mulherio de que o Feminismo Negro foi criado por mulheres negras burguesas acadêmicas.

De acordo com Djamila Ribeiro (2018), pensar Feminismos Negros é pensar projetos democráticos, sendo que todas as pessoas têm um lugar de fala, mas de lugares diferentes, porque estão posicionadas socialmente de formas diferentes, assim como Sueli Carneiro (2011), ao afirmar que, ao falar de mulheres, devemos sempre nos perguntar de que mulheres estamos falando, já que elas possuem pontos de partidas diferentes. Ser feminista necessariamente significa ser antirracista, antimachista e anticapitalista, porque pensar raça, classe e gênero estão imbricados e podem gerar diversas formas de exclusão.

Sobre essas discussões e busca por momentos de fala e de luta contra a opressão, Ribeiro (2018) nos aponta que:

Pensar novas epistemologias, discutir lugares sociais e romper com uma visão única não é imposição, é busca por coexistência. Ao quebrar a máscara, estamos atrás de novas formas de sociabilidade que não sejam pautadas pela opressão de um grupo sobre outro. Ao pensar

o debate de raça, classe e gênero de modo indissociável, as feministas negras estão afirmando que não é possível lutar contra uma opressão e alimentar outra, porque a mesma estrutura seria reforçada (Ribeiro, 2018, p. 18).

Ângela Figueiredo (2020), propõe um diálogo que busca resgatar reflexões sobre os percursos teórico-metodológicos do feminismo negro realizados nos últimos anos, destacando as principais mudanças e apontando alguns fatores que contribuíram para a emergência de uma nova epistemologia feminista negra.

Figueiredo (2020), cita o contexto político e social que propicia as conquistas do movimento negro a partir dos anos de 1980, atreladas às políticas sociais governamentais como, por exemplo, a expansão do número de universidades públicas e a implementação das políticas de ações afirmativas, que possibilitaram a entrada de um maior número de pessoas negras na universidade, contribuindo assim, para a formação de coletivos na educação superior. Aponta também que esse ingresso estreitou laços e alianças com os movimentos sociais, especialmente o movimento de mulheres.

Desse modo, destacamos o conceito de interseccionalidade adotado por Kimberlé Crenshaw (2002), no qual a interseccionalidade é um instrumento analítico que examina as interações complexas entre diferentes estruturas sociais e seus impactos políticos e legais. Ela nos ajuda a

entender de que forma e em que circunstâncias as mulheres negras enfrentam as desigualdades étnico-raciais no tripé das intersecções de raça, gênero e classe.

Nesse sentido, a postura de resistência ao cisheteropatriarcado pode ecoar na música e na vida como um todo, sendo que historicamente encontramos inúmeros exemplos inspiradores dessa resistência, de artistas negras que não apenas desafiam ativamente as normas de raça, gênero e classe por meio de suas criações artísticas, mas que lutam por uma cultura de respeito, igualdade e justiça social.

Com isso, entendemos aqui a resistência como uma dinâmica central a partir da compreensão de interseccionalidade abordada por Crenshaw (1989), vista como fundamental para entendermos as opressões enfrentadas pelas mulheres negras. Já o conceito de emancipação humana é apontado por Barbosa (2016) como algo conquistado pelo seu reconhecimento enquanto mulheres negras, pela valorização de sua cultura e pelo reconhecimento de sua identidade.

Collins (2019) afirma que a crescente visibilidade conferida ao ativismo de mulheres negras, com foco em gênero e com uma análise interseccional, reflete um entendimento sobre o significado da análise voltada para a política de resistência. Para a autora, o feminismo negro se origina no reconhecimento crescente da necessidade da análise

de gênero dentro dos projetos de ativismos negros, não sendo possível libertar as mulheres negras sem levar em conta tanto raça quanto gênero.

Raça, gênero e classe são intersecções que geram sistemas de poder – Racismo, Patriarcado e Capitalismo. A sociedade brasileira foi edificada com base em pressupostos de classificação racial, porém, nesse sentido, é um fenômeno ainda presente nos mais diversos ambientes, seja acadêmico ou profissional, uma vez que o racismo atravessa toda a sociedade. Para Carlos Moore (2007), o racismo é um fenômeno histórico e ligado a diversos conflitos entre os povos, enquanto Kabengele Munanga (2005) aborda o racismo como uma construção social que postula uma falsa crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural.

Abordar o racismo no Brasil é muito importante, nos traz uma contextualização histórica e social sobre o tema, mas falar do racismo, machismo e opressão de classe sofridos pela mulher negra é de grande importância, pois, legitima nossa luta contra a invisibilidade, por tirar a máscara, a mordaça que, por anos nos é colocada, tentando nos manter no silenciamento, parafraseando Grada Kilomba (2019). Bem como, a ex-escravizada Anastácia, símbolo da resistência negra brasileira, é muitas vezes ilustrada como representação do colonialismo, usada para o silenciamento, tortura,

opressão, submissão, vergonha e aproximação com a animalidade, controlada por um branco dominante que coloca o sujeito negro na posição do outro objetificado.

Kilomba (2019) trabalha com a temporalidade do racismo lembrando-nos que o racismo cotidiano perpassa as épocas da plantação, remetendo-se ao período colonial, momento histórico no qual milhares de pessoas negras foram forçadas, em condição de escravizadas, a trabalharem em monoculturas de algodão, tabaco, cana-de-açúcar, entre outras. Para a autora, o aprisionamento, o trauma e a dor que o sujeito negro vive e sente perante o racismo em suas vivências no dia a dia, tem conexões com o cenário colonial da escravidão e com os modos de operação do *plantation*. Nesta perspectiva, ela faz uma análise para além dos fatores históricos, ao abordar a realidade psicológica do racismo cotidiano, baseando-se em relatos subjetivos, autopercepções e narrativas biográficas.

Ao pontuar a segregação, Kilomba (2019) ressalta ainda o princípio da superioridade racial com a proibição de relacionamentos entre pessoas negras e brancas, assim como sua prole, para que não houvesse contaminação de suas/seus descendentes nas quais eram vistos como degradação da raça ariana. A segregação, o isolamento de negras e negros seria uma estratégia para reassegurar a supremacia branca, e isso anuncia o racismo. Para

a autora, a metáfora da plantação como um símbolo do passado é simulada através do racismo colonial cotidiano e é um trauma que não foi esquecido, sendo que para superarmos o trauma colonial, incabível de ser esquecido, é preciso ir além de estudos e reivindicações, sendo necessário ter autonomia, se tornar sujeito falante, em uma mudança que parte do interior de si para o exterior.

Joan Scott (1990) afirma que as feministas começaram a utilizar a palavra "gênero" num sentido mais literal, como uma maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos, e que a palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como "sexo" ou "diferença sexual" e enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. O uso de "gênero" enfatizaria todo um sistema de relações sociais de poder que pode incluir o sexo, mas não é diretamente determinado pelo sexo, nem determina diretamente a sexualidade.

Scott (1990) apresenta uma preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica que só emergiu no fim do século XX. Menciona que o termo "gênero" faz parte da tentativa empreendida pelas feministas contemporâneas para reivindicar um certo terreno de definição, para sublinhar a incapacidade das teorias existentes para explicar as persistentes desigualdades entre as mulheres e os homens. Portanto, o gênero é um

elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e uma forma primária de conceder significado às relações de poder.

Audre Lorde (2021) aborda o racismo como crença na superioridade inerente de uma raça sobre todas as outras, o que implicaria seu direito e dominância sobre estas e, considerando que o machismo seria a crença na superioridade inerente a um sexo, também implicaria em direito a dominância. Para a autora, as mulheres que reagem ao racismo são aquelas que reagem à raiva, raiva da exclusão, do privilégio, das distorções raciais, dos estereótipos, do silêncio e dos maus-tratos. A autora discorre que a raiva é útil para ajudar a entender nossas diferenças e convida à escrita, a usar a poesia como instrumento de luta, sobrevivência e ocupação dos espaços que são negados a determinados grupos.

Para Gonzalez (1983), o racismo se constitui como a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. E em sua articulação com o sexismo produz efeitos violentos sobre a mulher negra em particular, tratando-se das noções de mulata, doméstica e mãe preta. A autora discorre sobre a mulher negra vista como “mulata deusa do samba”, objeto de desejo sexual, em outros momentos como a empregada doméstica, burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas, a mucama tratada com violência e agressividades, e a

mãe-preta que amamenta, cuida e passa valores (Gonzalez, 1983, p. 226-235).

Para bell hooks<sup>2</sup> (2005), o sexismo e o racismo, atuando juntos, perpetuam uma iconografia de representação da negra que imprime na consciência cultural coletiva a ideia de que estas mulheres estão neste planeta principalmente para servir aos outros. Assim, de acordo com a autora, temos as representações das mulheres negras como selvagens sexuais desqualificadas e/ou prostitutas com o estereótipo da mãe preta e, mais uma vez, essa imagem registra a presença feminina negra como significada pelo corpo, neste caso, a construção de mulher como a mãe com peito amamentando e sustentando a vida de outros.

Para hooks (2005), há suposições racistas e sexistas de que as negras são de algum modo inatamente mais capazes para cuidar dos outros. Continuam a impregnar o pensamento cultural sobre os papéis da mulher negra, ocorrendo assim, a desvalorização de seu trabalho intelectual. A insistência cultural em que as negras sejam encaradas sempre como empregadas domésticas independentemente de seu *status* no trabalho ou carreira, assim como a subordinação a esses papéis impostos às negras, talvez sejam o maior fator a impedir que mais mulheres negras escolham tornar-se intelectuais. O trabalho intelectual, mesmo quando julgado socialmente relevante, não é visto como trabalho abnegado.

Entendemos, portanto, que esses processos são contínuos, dinâmicos e envolvem a resistência contra sistemas de opressão, participação política e social, acesso a recursos e oportunidades e a busca por equidade e justiça social. Ao analisar a produção acadêmica existente sobre o papel das cantoras brasileiras na cena musical, no ativismo social e na educação, podemos enriquecer nossa compreensão das conexões entre arte, política, cultura e práxis educativa interseccional voltada para emancipação humana.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS - ABORDAGENS E PROCEDIMENTOS

Nossa análise é de Abordagem Qualitativa com uso da pesquisa bibliográfica. A pesquisa qualitativa nas ciências sociais, segundo Maria Cecília de Souza Minayo (2007, p. 21), se ocupa da dimensão da realidade que não pode ser quantificada, já que seu universo de trabalho envolve “significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. A autora ressalta que a pesquisa qualitativa não tem a preocupação com a representatividade em quantidades, mas com a compreensão, interpretação e explicação da dinâmica de um determinado grupo, com destaque em

suas relações sociais e com relevância em suas qualidades.

A autora Marli André (2013) aponta que as abordagens qualitativas de pesquisa se fundamentam numa perspectiva que concebe o conhecimento como um processo socialmente construído pelos sujeitos nas suas interações cotidianas, enquanto atuam na realidade, transformando-a e, sendo assim, por ela transformados. Assim, consideramos o uso da abordagem qualitativa como a que propicia o aprofundamento da investigação das questões relacionadas ao fenômeno em estudo e das suas relações, mediante a máxima valorização do contato direto com a situação estudada, aberta para perceber a individualidade e os significados múltiplos.

A Pesquisa Bibliográfica, de acordo com Antônio Carlos Gil (2002), é uma pesquisa desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos e de impressos diversos. Para o autor, a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao/à investigador/a a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente.

Assim, na Pesquisa Bibliográfica fizemos uso das técnicas de coletas de dados de revisão bibliográfica e levantamento bibliográfico, sendo que para a revisão bibliográfica fizemos leituras de intelectuais negras que constroem o campo teórico



co-metodológico do Feminismo Negro, e para o levantamento bibliográfico trabalhamos com o levantamento de artigos, dissertações e teses nos bancos de dados do Portal de Periódicos e Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Capes, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia - IBICT Oasis e Google Acadêmico, utilizando os descritores “mulher negra”, “cantoras negras”, “música negra brasileira”, “ativismo”, para que possamos compreender quais são essas produções, de quais regiões do país estão escrevendo sobre as artistas negras brasileiras, de quando, de quais áreas de conhecimento e de quem são essas produções acadêmicas.

O resultado inicial é de 81 obras, distribuídas entre 18 publicações de artigos, 48 dissertações e 15 teses. Após uma análise dos títulos, resumos e palavras-chave, foram excluídas as publicações que não atendiam aos critérios pré-estabelecidos para o tema de pesquisa. Como por exemplo, versar sobre artistas negras; problematizar a crítica social em seu trabalho artístico; estar em português; e ser artigo, dissertação ou tese. Ao final deste processo, foram selecionados 56 trabalhos, sendo 11 artigos, 36 dissertações e 09 teses que atenderam aos requisitos necessários para o estudo em questão.

Sobre experiências pessoais e coletivas, trazemos que Conceição Evaristo (2020) descreve

a “escrevivência” como escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da escrita de nós, com potência para suportar as narrativas dos/as excluídos/as, construir história e saberes que atravessam práticas pessoais e pedagógicas. Assim, apresenta em seu trabalho que:

Escrevivência, antes de qualquer domínio, é interrogação. É uma busca por se inserir no mundo com as nossas histórias, com as nossas vidas, que o mundo desconsidera. Escrevivência não está para a abstração do mundo, e sim para a existência, para o mundo-vida... A Escrevivência pode ser como se o sujeito da escrita estivesse escrevendo a si próprio, sendo ele a realidade ficcional, a própria inventiva de sua escrita, e muitas vezes o é... E por isso é uma escrita que não se esgota em si, mas, aprofunda, amplia, abarca a história de uma coletividade (Evaristo, 2020, p. 35).

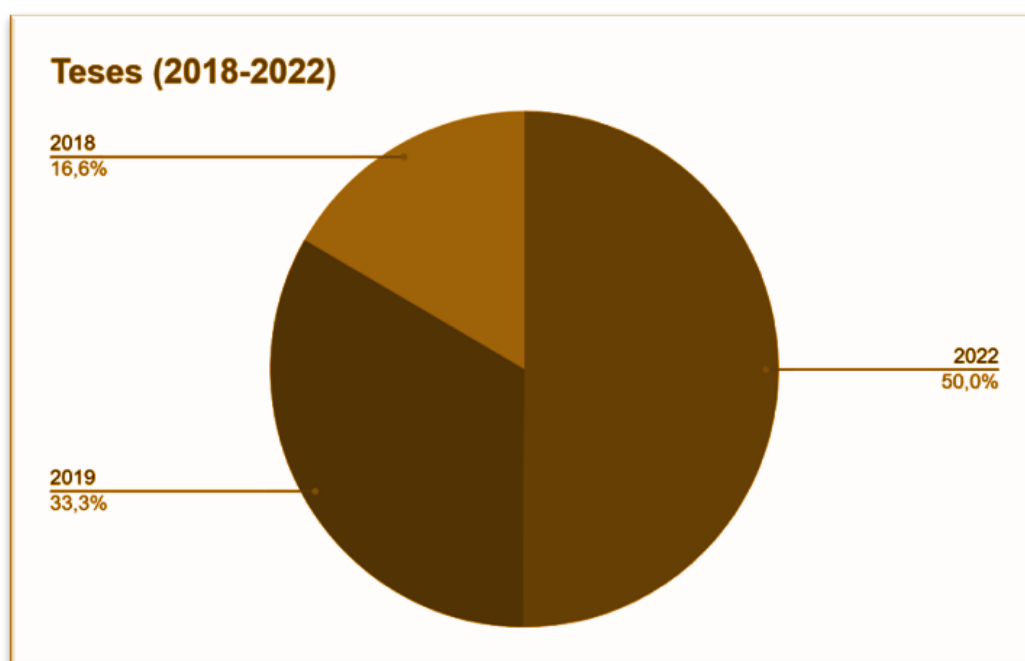
Com isso, o levantamento bibliográfico proporciona um embasamento teórico importante para contextualizar as análises das letras de músicas dentro de debates acadêmicos mais amplos sobre feminismo e resistência cultural, bem como da condição social de mulheres negras. Ao analisar a produção acadêmica existente sobre cantoras negras brasileiras na cena musical, no ativismo social, podemos enriquecer nossa compreensão das conexões entre arte, política, cultura e práxis educativa interseccional voltada para emancipação humana.

Paulo Freire (2001) enfatiza a importância da conscientização crítica e da emancipação através de uma práxis educativa que revela as verdades ocultas pelas classes dominantes. Nesse contexto, a música pode desempenhar um papel fundamental, funcionando como um instrumento poderoso para a leitura crítica do mundo. Cantoras negras brasileiras, por exemplo, utilizam suas músicas como instrumentos de resistência e transformação social, abordando temas de injustiça, discriminação e desigualdade. Ao analisar essas músicas em uma postura crítica, podemos desenvolver uma compreensão mais profunda das questões sociais e políticas que moldam suas realidades.

## O PANORAMA DE PESQUISAS ACADÊMICAS SOBRE CANTORAS NEGRAS BRASILEIRAS

A quantidade de teses e dissertações com foco no estudo das contribuições das cantoras negras brasileiras é um reflexo do reconhecimento crescente da importância dessas artistas tanto no cenário cultural quanto no acadêmico. O que indica um interesse por parte dos/as pesquisadores/as em analisar diferentes aspectos das obras e do impacto dessas cantoras, abrangendo áreas como literatura, história, comunicação, música e educação. Esse aumento reflete não apenas o reconhecimento crescente da im-

Gráfico 1 - Organização de teses por porcentagem anual



Fonte: Autoras (2024)

portância dessas artistas, mas também a evolução do campo acadêmico em reconhecer e valorizar vozes historicamente marginalizadas e sub-representadas.

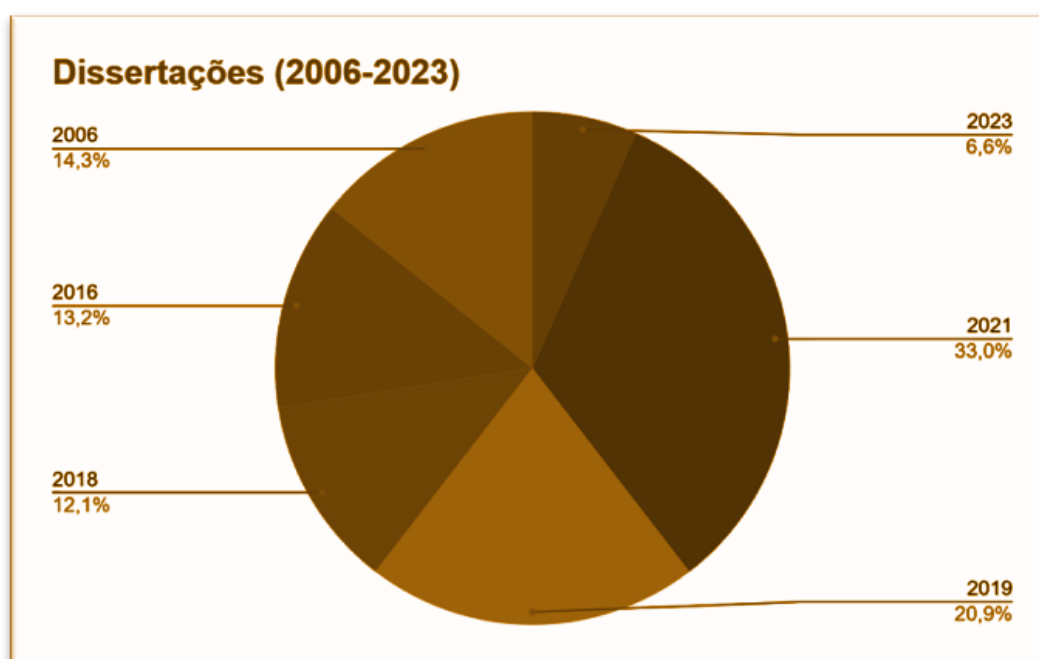
A evolução desse crescimento é uma evidência do interesse crescente no tema. Observe-mos os gráficos 1 e 2 quanto a este crescimento em porcentagem.

As pesquisas começaram de forma discreta, mas em 2022 houve um crescimento significativo, aumentando em 50 %. Essas pesquisas acadêmicas foram conduzidas em diversas instituições de ensino, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFF), Universidade Federal Fluminense (UFRJ), Pontifícia

Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Universidade Federal do ABC (UFABC), Universidade Anhembi Morumbi (UAM), Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), Universidade Estadual do Ceará (UECE), Instituto Federal do Ceará (IFCE), Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR), Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de Brasília (UNB).

Neste contexto, as pesquisas acadêmicas relacionadas às cantoras negras na música brasileira, apresentam um foco especial em artistas como Dona Ivone Lara, Leci Brandão, Elza Soares e Luedji

Gráfico 2 - Organização de dissertações por porcentagem anual



Fonte: Autoras (2024)

Luna. Em 2023, Lucianna Furtado, do PPGCOM-UFPR, analisou os conselhos afetivos sobre o amor presentes nas canções de Dona Ivone Lara e Leci Brandão. Ao mesmo tempo, Nadja Gumes Vladi, Marcelo Garson e Marcelo Argôlo (2023), da UFBA, examinaram a interseccionalidade em Luedji Luna e na cena musical de Salvador.

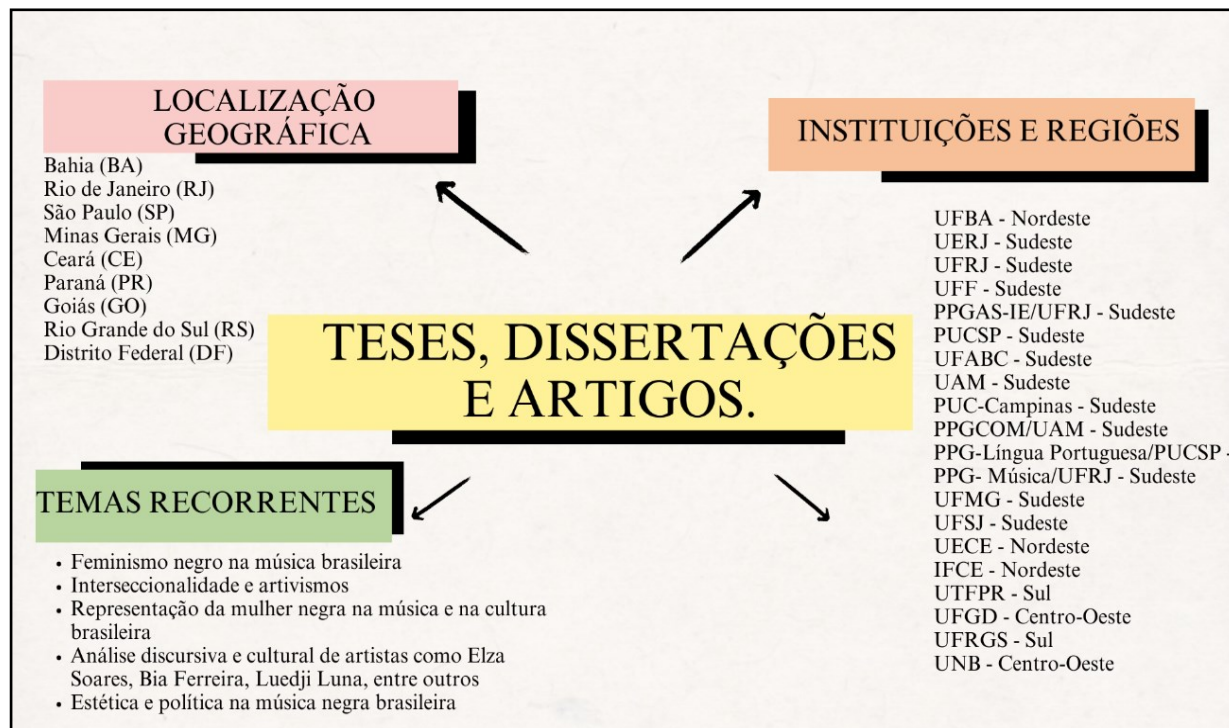
Em 2020, temas como redes sociais e luta política foram abordados por Lídia Michelle Azevedo, Renata Nascimento da Silva e Zilda Martins, da *Collection Contemporânea* (Salvador), enquanto Marilda Santanna de Santana Silva, em *Interfaces Científicas*, discutiu o afrontamento de Tássia Reis. Rodrigo Faour Teixeira, na *Scritorium*, analisou a trajetória de Elza Soares, enquanto Elaine Pimentel e Nathália Wanderley, na *Revista Brasileira de Políticas Públicas*, abordaram silêncios e mitos numa perspectiva interseccional. Em 2019, Simone Pereira Schmidt, da UFSCar, investigou as mulheres, a negritude e a construção de uma modernidade transnacional.

Quanto aos dezoitos artigos, a análise dos dados revela um campo acadêmico vibrante e diversificado nos estudos sobre música brasileira. Os trabalhos focam principalmente em figuras emblemáticas como Dona Ivone Lara, Elza Soares e Leci Brandão, explorando não apenas suas contribuições musicais, mas também seu impacto cultural e social, especialmente em questões de identidade racial e de gênero. A interseccionalidade é um te-

ma recorrente, destacando como essas artistas utilizam suas vozes para promover o empoderamento feminino, além da afirmação de identidades negras. As metodologias variadas, que vão desde análises discursivas até estudos comparativos transnacionais, enriquecem o campo, evidenciando a complexidade e a relevância das narrativas musicais como formas de resistência e transformação social. A presença desses estudos em periódicos de alto impacto não apenas valida suas contribuições acadêmicas, mas também amplia seu alcance para um público mais amplo de pesquisadores/as e interessados/as, sinalizando um crescimento significativo no reconhecimento da música como um terreno fértil para a reflexão crítica, cultural e de resistência.

O infográfico abaixo apresenta um resumo dos principais dados levantados na revisão bibliográfica sobre produções acadêmicas relacionadas a cantoras negras brasileiras. Destacamos as regiões do Brasil que mais contribuíram com pesquisas, identificando temas recorrentes como empoderamento feminino, interseccionalidade, resistência cultural e ativismo político. As instituições de ensino superior mais prolíficas, como UFBA, UERJ, e UFSCAR, também são ressaltadas, evidenciando a distribuição geográfica e acadêmica desses estudos. Este panorama revela não apenas a riqueza e diversidade das abordagens, mas também a importância crescente dessas temáticas no cenário acadêmico nacional.

Infográfico 1 - Principais Dados sobre produções acadêmicas relacionadas a cantoras negras brasileiras



Fonte: Autoras (2024)

A tese "Eu, Tássia Reis, Preta Rara e Negafya: Na Encruzilhada das Rimas e dos Afetos" de autoria de Glauce Souza Santos (2022), do Programa de Pós-graduação em Literatura e Cultura da UFBA, explora as obras de Tássia Reis, Preta Rara e Negafya, enfocando a interseção entre rimas e afetos nas suas músicas. A pesquisa investiga como essas artistas articulam experiências pessoais e coletivas de resistência e empoderamento, utilizando a música como ferramenta de transformação social e cultural.

Com a tese "O swing da cor. A Linguagem Política do Orgulho Negro na Black Music brasileira (1960-88)", de Bruno Vinicius Leite de Moraes (2022), do Programa de Pós-graduação em História

da UFMG, analisa-se a linguagem política do orgulho negro na *black music* brasileira entre 1960 e 1988. A tese explora como os/as músicos/as da época utilizavam suas plataformas para promover a consciência racial e a resistência contra a opressão, contribuindo para a construção de uma identidade negra no Brasil.

A tese "Arte e vivência no planeta fome temos um diálogo entre Carolina Maria de Jesus, Elza Soares e Maria Auxiliadora da Silva", de Beatriz Schmidt Campos (2022), do Programa de Pós-graduação em Literatura da UNB, traça um diálogo entre as obras de Carolina Maria de Jesus, Elza Soares e Maria Auxiliadora da Silva. A tese investiga como essas três mulheres negras utilizam suas res-

pectivas linguagens artísticas para abordar questões de fome, pobreza e resistência, destacando suas contribuições para a literatura, música e artes visuais no Brasil.

Intitulada "A Transformação do Silêncio em Arte: A Arte de Mulheres Negras como Práxis Educativa Interseccional", a tese de Rafaela Maria Teixeira Teófilo (2022), do Programa de Pós-graduação em Educação da UECE, explora a arte de mulheres negras como uma práxis educativa interseccional. Investiga-se como a arte pode ser utilizada como uma ferramenta pedagógica para abordar questões de raça, gênero e classe, promovendo a conscientização e a transformação social no contexto educacional.

Helen Campos Barbosa (2019), com a tese intitulada "Manifestos para Ouvir: A experiência estética genderizada e racializada a partir das Cantautorias de Manuela Rodrigues, Luedji Luna, Larissa Luz e Josyara", do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da UFBA, explora as experiências estéticas genderizadas e racializadas nas cantautorias de Manuela Rodrigues, Luedji Luna, Larissa Luz e Josyara. A tese investiga como essas artistas utilizam suas músicas para articular questões de gênero e raça, promovendo a conscientização e a transformação social.

"Para gritar o céu: o canto como desobediência feminina da cultura dos homens", tese de Bruna Queiroz Prado (2019), do Programa de Pós-

graduação em Música da UECAM, investiga o canto como uma forma de desobediência feminina, analisando como cantoras desafiam a cultura dominada por homens. A tese destaca a importância do canto como uma ferramenta de resistência e empoderamento, promovendo novas narrativas sobre a experiência feminina.

Com a tese intitulada "Elza Soares: Vida e Obra sob o Olhar da Fonoaudiologia", de Joao Carlos Lopes da Conceição (2019), do Programa de Pós-graduação em Fonoaudiologia da PUC-SP, examina a vida e a obra de Elza Soares através da perspectiva da fonoaudiologia. A tese investiga as características vocais da cantora, destacando como sua técnica vocal e estilo único contribuíram para seu sucesso e impacto na música brasileira.

A tese "Funk Carioca, Política, Gênero e Ancestralidade no Sarau Divergente: Uma Pesquisa-Ação Participativa", de Pedro Macedo Mendonça (2018), do Programa de Pós-graduação em Música da UFERJ, explora a interseção entre funk carioca, política, gênero e ancestralidade no Sarau Divergente. A tese utiliza uma abordagem de pesquisa-ação participativa para investigar como esses elementos se entrelaçam e promovem a resistência cultural e social.

A dissertação, "Deixa Que Eu 'Canto' a Minha História Bia Ferreira, Katú Mirim e Ekena, Interseccionalidades e Ativismos na Cena Musical Brasileira da Atualidade", de Deyse Andrade

(2023), do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da UFBA, examina as interseccionalidades e o ativismo artístico (ativismo) presentes na obra de Bia Ferreira, Katú Mirim e Ekena. A pesquisa destaca a forma que essas artistas utilizam a música como plataforma para discutir questões de raça, gênero e identidade, situando suas contribuições no contexto da cena musical contemporânea brasileira.

Na dissertação "O Feminismo Negro nas Canções de Bia Ferreira", de Suelani Rocha da Silva (2023), do Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ, explora a presença e o impacto do feminismo negro nas canções de Bia Ferreira. A pesquisa analisa as letras e performances da cantora, mostrando como sua música se torna um veículo para a conscientização e resistência contra as opressões interseccionais vividas por mulheres negras.

A dissertação "Ethos discursivo, interdiscurso e cenas enunciativas em canções interpretadas por Elza Soares", de Eline Souza Barbosa (2023), do Programa de Pós-graduação em Letras da UTFPR, investiga o ethos discursivo e as cenas enunciativas nas canções de Elza Soares. A pesquisa foca nas estratégias discursivas utilizadas pela cantora para expressar resistências sociais e culturais, e como suas interpretações ressoam na construção de identidades coletivas e individuais.

Com a dissertação "Negras vozes femininas

– travessias: Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves e a lírica de Luedji Luna", Isabelle Lins Leite (2023), do Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da UERJ, faz uma análise comparativa entre a obra literária "Um defeito de cor", de Ana Maria Gonçalves, e as canções de Luedji Luna. O estudo enfoca as narrativas de travessia e resistência, destacando como ambas as autoras utilizam suas respectivas linguagens artísticas para abordar questões de identidade, memória e ancestralidade.

A dissertação "Conflitos discursivos e seu consumo na cultura do cancelamento: O caso Karol Conká", de Kely Priscila Barbosa Ramos (2023), do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Práticas de Consumo, Escola Superior de Propaganda e Marketing, examina os conflitos discursivos e o fenômeno da cultura do cancelamento através do caso da cantora Karol Conká. A pesquisa analisa como as controvérsias em torno da artista foram mediadas e consumidas pelo público, destacando os impactos sociais e culturais do cancelamento na indústria musical e na sociedade em geral.

Com a dissertação "Narrativas Subalternas de Mulheres Negras na Construção da Interseccionalidade como Metodologia do Comitê da ONU contra Discriminação Racial", do Programa de Pós-graduação em Direito, Isabella Garcia (2023) investiga as narrativas subalternas de mulheres negras

e sua contribuição para a construção da interseccionalidade como metodologia no Comitê da ONU contra a Discriminação Racial. A dissertação destaca como essas narrativas influenciam políticas globais e práticas jurídicas voltadas para a igualdade racial e de gênero.

Na dissertação "Pisa nesse chão com força: decolonialidade, samba e design", do Programa de Pós-graduação em Design da UAM, Kacili Zuchinali (2023) explora a relação entre decolonialidade, samba e design. A pesquisa examina como o samba, enquanto manifestação cultural e artística, interage com o design para promover narrativas de resistência e identidade decolonial no contexto brasileiro.

A dissertação "Elas compõem, elas cantam: Uma pesquisa sobre a autoria feminina de Samba", de Ana Laura Furtado Pacheco (2021), do Programa de Pós-graduação em Letras: Estudos Literários da UFJF, investiga a autoria feminina no samba, analisando a contribuição de compositoras e cantoras para este gênero musical. A pesquisa destaca a importância das mulheres na construção e preservação do samba, sublinhando suas vozes e perspectivas únicas.

Com a dissertação "Práticas Feministas Negras: Fazeres, Saberes, Lugares e Subjetividades (Re)Existentes", de Vanilce Farias Gomes (2021), do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFGD, explora as práticas feministas negras, enfo-

cando os saberes, lugares e subjetividades que emergem dessas práticas. A dissertação destaca a resistência e a (re)existência das mulheres negras através de suas ações e experiências cotidianas, contribuindo para a construção de um conhecimento feminista interseccional.

Elizabeth Tavares Viana (2021), do Programa de Pós-graduação em Direito da UFRJ, com a dissertação "Quem estava pronto para me Ouvir? Narrativas de Violência nas Biografias" analisa as narrativas de violência presentes nas biografias de Elza Soares. A dissertação investiga como as experiências de violência vividas pela cantora são retratadas e interpretadas em suas biografias, destacando a resiliência e a resistência de Elza Soares.

A dissertação "A Potência dos Encontros: Contribuições de Yvonne Lara e Elelwane Ramugondo para o campo da Terapia Ocupacional", de Isabelly Regianne Brasil Braga da Costa (2021), do Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades da UFF, investiga como essas duas figuras utilizam suas práticas e conhecimentos para promover a saúde e o bem-estar, destacando a importância das perspectivas culturais e territoriais na terapia ocupacional.

Com a dissertação "Insurreição na garganta: a estética-política em Elza Soares", de Ligia Moreira Moreli (2021), do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, foca em como a cantora utiliza sua voz e sua



música como ferramentas de resistência e insurreição, desafiando estruturas de poder e opressão através da arte.

A dissertação "Engajamentos Afetivos na Música em Salvador: Territorialidades Que Articulam Gêneros Musicais e Identidades", Daniel Oliveira de Farias (2001), do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Culturas Contemporâneas da UFBA, investiga os engajamentos afetivos na música em Salvador, analisando como as territorialidades locais articulam gêneros musicais e identidades. A pesquisa destaca a importância das relações afetivas e territoriais na produção e consumo da música na cidade.

Na dissertação "Vozes Negras: A estética da Diáspora no Canto e na Performance de Cantoras Negras Brasileiras", de Luciana de Oliveira Miranda da Cruz (2022), do Programa de Pós-graduação em Comunicação Humana e Saúde da PUC-SP, explora a estética da diáspora no canto e na performance de cantoras negras brasileiras. A dissertação investiga como essas artistas utilizam suas vozes e performances para expressar identidades diaspóricas e resistências culturais, destacando suas contribuições para a música e a cultura brasileiras.

A dissertação "A Minha Pele De Ébano: Ativismo Negro e Música Pop no Pelourinho", de Marcelo Pinheiro Argolo (2021), do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UFRB, examina

o ativismo negro e a música pop no Pelourinho, destacando como esses elementos se entrelaçam para promover a resistência e a identidade cultural. A pesquisa foca na importância do Pelourinho como um espaço de expressão e luta para artistas e ativistas negros.

Com a dissertação: "Performance da Estética Negra Feminina: Um Fenômeno Comunicacional", de Barbara Daiana da Anunciação Nascimento (2021), do Programa de Pós-graduação em Comunicação, UFRB, investiga a performance da estética negra feminina como um fenômeno comunicacional. A dissertação explora como as artistas negras utilizam suas performances para desafiar estereótipos e construir novas narrativas sobre a identidade e a experiência negra feminina.

A dissertação "Produções musicais de mulheres: músicas para regar afetos e potências", de Raissa Santos Caldas Almeida (2020), do Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da UFBA, analisa as produções musicais de mulheres, destacando como essas músicas cultivam afetos e potências. A pesquisa enfoca as contribuições das mulheres para a música, sublinhando a importância de suas perspectivas e experiências na construção de novas formas de expressão artística.

Na dissertação "'Maria da Vila Matilde' e 'Marido da Orgia' Formas de Dizer/Cantar Sobre a Violência Contra Mulheres: a Canção Popular Brasileira no Ensino de História", de Leticia Morales

Brum (2020), do Programa de Pós-graduação em Ensino de História da UFRGS, investiga como as canções "Maria da Vila Matilde" e "Marido da Orgia" abordam a violência contra mulheres e como podem ser utilizadas no ensino de história. A dissertação explora a interseção entre música popular e educação, destacando a importância de incluir essas narrativas no currículo escolar.

A dissertação "Um Lamento que Ecoa: Canções sobre Violência contra a Mulher — Análise da Transitividade à Luz Do Funcionalismo", de Jamilly Lorencini Carone (2020), do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFES, analisa canções sobre violência contra a mulher através da lente do funcionalismo linguístico. A dissertação investiga como a transitividade é utilizada nas letras para expressar e denunciar a violência, destacando a importância da música como uma forma de resistência e conscientização.

Com a dissertação "Carne preta, pele rara - contribuições para um teatro negro de resistência", de Álvaro Rene Oliveira de Sousa (2020), do Programa de Pós-graduação em Artes da IFCE, explora as contribuições para um teatro negro de resistência, enfocando as representações de "carne preta, pele rara". A dissertação investiga como o teatro pode ser uma ferramenta de resistência e transformação, promovendo a visibilidade e a valorização das experiências negras.

A dissertação "Mulheres e funk: valores,

crenças e ethos", de Carla Moreira De Paula (2020), do Programa de Pós-graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP, investiga as representações de mulheres no funk, analisando os valores, crenças e ethos presentes nas letras e performances. A pesquisa destaca como o funk pode ser um espaço de resistência e empoderamento para as mulheres, desafiando estereótipos e promovendo novas narrativas sobre gênero e sexualidade.

Em "'Louco é quem me diz': 'tempos e lugares' da Arte e da loucura", dissertação de Simone Monteiro Oliveira de Souza (2020), do Programa de Pós-graduação em Humanidades, Culturas e Artes da UGR, explora-se a relação entre arte e loucura, investigando como essas duas dimensões se entrelaçam em diferentes tempos e lugares. A dissertação analisa as representações da loucura na arte, destacando sua importância para a compreensão da experiência humana e das normas sociais.

A dissertação "Rap, Resistência E(M) Oralidade: Representações de Preconceito e Subversão no Rap de Karol Conká", de Bruna Fernandes Barros (2019), do Programa de Pós-graduação em Teoria Literária e Crítica da Cultura da UFSJDR, investiga as representações de preconceito e subversão no rap de Karol Conká, enfocando a oralidade como um meio de resistência. A dissertação destaca como a rapper utiliza sua música para desafiar estereótipos e promover a conscientização sobre

questões sociais e raciais.

Na dissertação "Elza Soares: o cosmopolitismo da canção do fim do mundo", de Aylton Augusto Dias Azevedo (2019), do Programa de Pós-graduação em Estudos Culturais Contemporâneos da UFUMEC, explora o cosmopolitismo nas canções de Elza Soares, especialmente aquelas que abordam o fim do mundo. A dissertação investiga como a cantora utiliza sua música para articular questões globais e locais, promovendo uma visão crítica e inovadora sobre a cultura contemporânea.

A dissertação "'As Minas no Topo é uma Afronta': Protagonismo Feminista e da Mulher na Cena do Rap Nacional", de Deborah Batista Galea-no Arco de Oliveira (2019), do Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidades da UFF, investiga o protagonismo feminista na cena do *rap* nacional, destacando como as mulheres desafiam a dominação masculina no gênero. A dissertação enfoca as estratégias de resistência e empoderamento utilizadas pelas *rappers*, promovendo a visibilidade e a valorização das vozes femininas no *rap*.

A dissertação "A, B, C, D do Samba: Construção da identidade vocal no samba – papel das cantoras Alcione, Beth Carvalho, Clara Nunes e Dona Ivone Lara", de Mirian Marques Rechetnicou (2018), do Programa de Pós-graduação em Música da UNB, explora a construção da identidade vocal no samba, enfocando as contribuições de Alcione,

Beth Carvalho, Clara Nunes e Dona Ivone Lara. A dissertação analisa como essas cantoras moldaram e redefiniram a estética vocal do samba, promovendo novas formas de expressão e identidade no gênero.

Com a dissertação "Elza Soares na Escola: Gênero e Relações Étnico-Raciais na Música Popular Brasileira e no Ensino de História", de Juliana Cintia Videira (2018), do Programa de Pós-graduação em Ensino de História, UECAM, investiga como a música de Elza Soares pode ser utilizada no ensino de história para abordar questões de gênero e relações étnico-raciais. A dissertação destaca a importância de incluir a música popular no currículo escolar como uma ferramenta de conscientização e transformação social.

A dissertação "Ubuntuísmo e Quilombismo na Música de Leci Brandão", de Janaina Souza de Queiroz (2017), do Programa de Pós-graduação em Tecnologia e Sociedade da UTFPR, investiga o ubuntuísmo e o quilombismo na música de Leci Brandão, destacando como essas filosofias influenciam suas composições e performances. A dissertação enfoca a importância dessas tradições africanas na promoção de resistência e identidade cultural na música brasileira.

Na dissertação "Blues e Samba Traduzindo Corpos de Mulheres Negras em Performances de Billie Holiday e Elza Soares", de Luana Lise Carmo da Solidade (2017), do Programa de Pós-graduação

em Literatura e Cultura da UFBA, analisa como o *blues* e o samba traduzem os corpos de mulheres negras nas performances de Billie Holiday e Elza Soares. A dissertação investiga as semelhanças e diferenças entre essas artistas, destacando como suas músicas e performances promovem a resistência e a identidade cultural negra.

A dissertação "A filha da Dona Lecy: Estudo da trajetória de Leci Brandão", de Fernanda Kalinny Martins Sousa (2016), do Programa de Pós-graduação em Ciência Social da USP, explora a trajetória de Leci Brandão, destacando sua importância para a música e a cultura brasileiras. A dissertação enfoca como a cantora utilizou sua música para promover a resistência e a conscientização sobre questões sociais e raciais, construindo uma carreira marcada pelo ativismo e pela inovação artística.

A dissertação "As Transfigurações Imagéticas de Elza Soares", de Maria de Fátima Lima Pereira (2015), do Programa de Pós-graduação em Comunicação da UAM, investiga as transfigurações imagéticas de Elza Soares, analisando como a cantora utiliza sua imagem e estilo para desafiar estereótipos e promover novas narrativas sobre a identidade negra. A dissertação destaca a importância da imagem na construção de uma carreira de sucesso e impacto social.

Com a dissertação "Coisas do meu pessoal: samba e enredos de raça e gênero na trajetória de

Leci Brandão", de Cristiane dos Santos Pereira (2010), do Programa de Pós-graduação em História da UNB, investiga o samba e os enredos de raça e gênero na trajetória de Leci Brandão, destacando como a cantora utiliza sua música para abordar questões sociais e promover a resistência cultural. A dissertação enfoca a importância do samba como uma ferramenta de conscientização e transformação social.

A dissertação "Nasci para sonhar e cantar. Gênero, projeto e mediação na trajetória de Dona Ivone Lara", de Mila Burns Nascimento (2006), do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFRJ explora a trajetória de Dona Ivone Lara, destacando sua importância para a música brasileira. A dissertação investiga como a cantora utilizou sua música para abordar questões de gênero e promover a resistência cultural, construindo uma carreira marcada pelo ativismo e pela inovação artística.

E, por fim, a dissertação "O canto popular brasileiro: uma análise acústica e interpretativa", de Adriana Noronha Piccolo (2006), do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ, analisa o canto popular brasileiro através de uma abordagem acústica e interpretativa. A dissertação investiga as características vocais e interpretativas de diferentes cantores e cantoras, destacando a importância dessas técnicas para a construção da identidade musical brasileira.

Quanto aos artigos levantados, temos em 2023, Lucianna Furtado, em "'Se é amor tem que ter de bem-querer': conselhos afetivos nas canções de Dona Ivone Lara e Leci Brandão sobre o amor", explora como essas cantoras abordam o tema do amor em suas músicas, promovendo afetos positivos e novas narrativas sobre o amor na música brasileira. E Nadja Gumes Vladi, Marcelo Garson e Marcelo Argôlo, em "Por acaso eu não sou uma mulher? Interseccionalidade em Luedji Luna e na cena musical de Salvador," investigam a interseccionalidade nas músicas de Luedji Luna e na cena musical de Salvador, mostrando como gênero, raça e classe se entrelaçam nas composições da artista, promovendo conscientização e resistência.

Em 2021, Jaime Daniel Leite Junior, Magno Nunes Farias e Sofia Martins, no artigo "Dona Ivone Lara e terapia ocupacional: devir-negro da história da profissão", investigam a influência de Dona Ivone Lara na história da terapia ocupacional, destacando suas contribuições para a promoção da saúde e bem-estar através da música. Como também, Lara Lima Satler, Luciene de Oliveira Dias e Renata de Lima Silva, em "Empoderamento feminino e a cena-digital da música preta brasileira", exploram como as artistas utilizam as plataformas digitais para promover suas músicas e mensagens de resistência, destacando a importância dessas tecnologias para a visibilidade e valorização das

vozes femininas na música.

No ano de 2020, Lídia Michelle Azevedo, Renata Nascimento da Silva e Zilda Martins, no artigo "Dona Ivone Lara Vive: Redes sociais e luta política", exploram como Dona Ivone Lara utilizou as redes sociais para promover suas músicas e mensagens de resistência, destacando sua importância para a música e cultura brasileiras. Também, Michel Eriton Quintas, em "Da teologia da cultura antropologia teológica na obra de Elza Soares", analisa a obra de Elza Soares pela lente da teologia da cultura e antropologia teológica, investigando como a cantora aborda temas espirituais e culturais em suas músicas, promovendo uma reflexão sobre a relação entre religião, cultura e arte.

Dessa forma, o título proposto não apenas sintetiza o objeto de estudo dessas produções acadêmicas, mas também destaca sua importância na construção de narrativas mais diversas e representativas na academia brasileira. Faz Também uma conexão ao texto de Patrícia Hill Collins (2016), "Aprendendo com a Outsider Within: A Significação Sociológica do Pensamento Feminista Negro", através de sua abordagem sobre a importância da autodefinição e autoavaliação para a sobrevivência e emancipação das mulheres negras.

Uma afirmação da importância da autodefinição e da autoavaliação das mulheres negras é o primeiro tema chave que permeia declarações históricas e contemporâneas do pensa-

mento feminista negro. Autodefinição envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana. Em contrapartida, a autoavaliação enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo imagens externamente definidas com imagens autênticas de mulheres negras (Collins, 2016, p. 102).

Enquanto Collins (2016) discute a necessidade das mulheres negras se autodefinirem e autoavaliarem por si mesmas em vez de permitir que outros o façam por elas, "Ritmos da Resistência" examina como as cantoras mulheres negras brasileiras usam sua arte para expressar sua identidade, experiências e resistências em uma sociedade marcada por opressões de raça, gênero e classe. Ambos os textos reconhecem a cultura como uma forma de resistência e sobrevivência, bem como de existência, enfatizando o papel das mulheres negras como agentes de sua própria narrativa e como protagonistas de conhecimento que desafiam estereótipos e ampliam perspectivas.

Collins (2016) traz uma reflexão sobre a cultura:

Não é composta de características estáticas e discretas que podem ser movidas de um local para o outro. Ela é constantemente mudada e transformada à medida que novas formas são criadas a partir das antigas. Portanto, cultura

não surge do nada: ela é criada e modificada por condições materiais (Mullings, 1986<sup>a</sup>, p. 13, *apud* Collins, 2016, p.110-111).

A música de resistência pode ser relacionada à ideia de cultura como uma forma de resistência e sobrevivência discutida por Collins (2016). Portanto, este tipo de música pode ser visto como uma manifestação cultural que contribui para a luta por justiça, igualdade e emancipação das mulheres negras, ao mesmo tempo em que evidencia a capacidade de transformação e adaptação da cultura em resposta às condições sociais em mudança. Segundo Teixeira (2020), a música serviu como instrumento de expressão, emancipação para muitos/as personagens negros/as em um país que historicamente evitou confrontar seu racismo arraigado. Esses indivíduos encontraram na música uma maneira de celebrar sua cultura e identidade.

Dialogando assim com as produções acadêmicas sobre cantoras negras brasileiras, especialmente ao trazerem à tona temas como identidade, cultura negra, resistência e empoderamento feminino. Primeiramente, esses estudos oferecem novos horizontes para o currículo educacional, permitindo que escolas e universidades incluam essas narrativas na formação de estudantes. Ao conhecerem as trajetórias e contribuições dessas artistas, estudantes podem expandir sua compreensão sobre diversidade cultural e social, desenvolvendo

uma consciência crítica ampla.

Além disso, as práticas educativas são enriquecidas ao utilizar essas figuras como pontos de partidas para discussões sobre justiça social, direitos humanos e representatividade. Professores/as podem incorporar músicas, letras e contextos históricos das cantoras negras brasileiras em suas aulas, promovendo um diálogo interdisciplinar que conecta música, história, literatura, entre outros componentes curriculares.

Essas iniciativas não apenas enriquecem o ambiente educacional com perspectivas mais inclusivas, mas também inspiram os/as estudantes a explorarem suas próprias identidades e a valorizarem a diversidade cultural como parte integral da sociedade brasileira. Assim, as produções acadêmicas sobre cantoras negras brasileiras não se limitam ao campo da pesquisa, mas se estendem a um impacto transformador na educação, contribuindo para um ensino mais reflexivo, diversificado e emancipatório.

## CONCLUSÃO

Historicamente, as mulheres negras no Brasil têm demonstrado resistência contra a opressão de raça, gênero e classe. Desde o período da escravidão de pessoas negras africanas até os dias atuais e, mesmo ao enfrentarem diversas formas de discriminação e violência, sempre encontram

maneiras de resistir e lutar por seus direitos e dignidade. Na música, essas mulheres buscam por espaços para contar suas próprias histórias de vida, suas lutas, experiências, e para afirmação e celebração de suas identidades culturais e étnicas.

Na organização desse levantamento nos deparamos com questões que colaboram para elucidar, mesmo que de forma tímida, a visibilidade das produções acadêmicas que versam sobre as cantoras brasileiras, mulheres negras que, com suas vozes e ativismos expressam a luta pela construção da cultura de resistência e emancipação no campo artístico, cultural e social. As práticas artísticas das cantoras transcendem o entretenimento, exercendo um impacto significativo na prática educativa e na conscientização coletiva sobre questões de gênero, raça e poder, ampliando perspectivas e estimulando reflexões críticas. Essas pesquisas oferecem uma visão aprofundada e multifacetada das experiências das mulheres negras na música, revelando como suas vozes e histórias têm o poder de transformar e educar.

Integrar essas narrativas ao contexto educacional é um passo fundamental para a criação de um ambiente de aprendizado diverso. Ao reconhecer e valorizar a contribuição dessas artistas, a educação se torna um espaço mais representativo. Além disso, essas produções acadêmicas servem como recursos pedagógicos valiosos, permitindo que educadores/as promovam um ensino crítico e reflexivo.

Em última análise, o reconhecimento e a valorização das cantoras negras brasileiras nas produções acadêmicas reafirmam a necessidade contínua de apoiar e promover a diversidade e a inclusão em todos os âmbitos da sociedade, especialmente na educação.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALMEIDA, Raissa Santos Caldas. **Produções musicais de mulheres**: músicas para regar afetos e potências. 2020. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.
- ANDRÉ, Marli E.D.A. O que é um estudo de caso qualitativo em educação? **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 22, n. 40, p. 95-103, jul./dez. 2013.
- ANDRADE, Deyse. **Deixa Que Eu 'Canto' a Minha História**: Bia Ferreira, Katú Mirim e Ekena, Interseccionalidades e Ativismos na Cena Musical Brasileira da Atualidade. 2023. 150 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2023.
- ARGÔLO, Marcelo Pinheiro. **A Minha Pele de Ébano**: música pop e ativismo em Salvador. Cachoeira, BA, 2021. 197f., il. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro Artes, Humanidades e Letras Programa de Pós-Graduação em Comunicação Mídia e Formatos Narrativos, Bahia, 2021. Disponível em: [www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Dissertacao\\_arquivo-final-depósito.pdf](http://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Dissertacao_arquivo-final-depósito.pdf). Acesso em: 02 abr. 2024.
- AZEVEDO, Aylton Augusto Dias. **Elza Soares**: o cosmopolitismo da canção do fim do mundo. Belo Horizonte, 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais Contemporâneos), Universidade FUMEC, Faculdade de Ciências Humanas, Sociais e da Saúde, Belo Horizonte, 2019. Disponível em: [www.academia.edu/50128950/Elza\\_Soares\\_O\\_cosmopolitismo\\_da\\_canc\\_a\\_o\\_do\\_fim\\_do\\_mundo](http://www.academia.edu/50128950/Elza_Soares_O_cosmopolitismo_da_canc_a_o_do_fim_do_mundo). Acesso em: 28 jul. 2024.
- AZEVEDO, Lídia Michelle; SILVA, Renata Nascimento da; MARTINS, Zilda. Dona Ivone Lara Vive: Redes sociais e luta política. **Revista Brasileira de Estudos Culturais**, v. 14, n. 2, p. 45-60, jul. 2024.
- BARBOSA, Eline Souza. **Ethos discursivo, interdiscurso e cenas enunciativas em canções interpretadas por Elza Soares**. 2023. Dissertação



(Mestrado em Letras) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2023. Disponível em: <https://repositorio.utfpr.edu.br/jspui/handle/1/31089>. Acesso em: 30 mar. 2024.

BARBOSA, Karla Maria da Silva. **Feminismo e emancipação feminina**: Um estudo sobre a concepção da emancipação da mulher negra na Bami-delê- Organização das Mulheres Negras da Paraíba. Junho de 2016. Dissertação (mestrado em sociologia) Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. 2016.

BARBOSA, Helen Campos. **Manifestos para Ouvir**: A experiência estética genderizada e racializada a partir das Cantautorias de Manuela Rodrigues, Luedji Luna, Larissa Luz e Josyara. 2019. 250 f. Tese (Doutorado em Artes) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

BARROS, Bruna Fernandes. **Rap, Resistência E(M) Oralidade**: Representações de Preconceito e Subversão no Rap de Karol Conká. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.

BURNS, Mila. **Nasci para sonhar e cantar**. Gênero, projeto e mediação na trajetória de Dona Ivone Lara. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Mu-

seu Nacional, 2006. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: [www.academiadosamba.com.br/monografias/MilaBurns.pdf](http://www.academiadosamba.com.br/monografias/MilaBurns.pdf). Acesso em: 02 abr. 2024.

BRUM, Leticia Morales. **‘Maria da Vila Matilde’ e ‘Marido da Orgia’ Formas de Dizer/Cantar Sobre a Violência Contra Mulheres**: a Canção Popular Brasileira no Ensino de História. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

CAMPOS, Beatriz Schmidt. **Arte e vivência no planeta fome**: um diálogo entre Carolina Maria de Jesus, Elza Soares e Maria Auxiliadora da Silva. 2022. 169 f., il. Tese (doutorado) — Universidade de Brasília, Brasília, 2022.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

CARONE, Jamilly Lorencini. **Um Lamento Que Ecoa**: Canções Sobre Violência Contra a Mulher — Análise da Transividade à Luz do Funcionalismo. 2020. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

COLLINS, Patrícia Hill. **Aprendendo com a Outsider Within**: a significação sociológica do pensamento

feminista negro. In: **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 99-127, Brasília, jan./abr. 2016.

COLLINS, Patrícia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.

COLLINS, Patrícia Hill; BILGE, Silma; **Interseccionalidade**. 2020 Traduzido do original em inglês Intersectionality por Rane Souza (2. ed., Cambridge, Polity, 2020).

CONCEIÇÃO, João Carlos Lopes da. **Elza Soares**: Vida e Obra sob o Olhar da Fonoaudiologia. 2019. 180 f. Tese (Doutorado em Fonoaudiologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

COSTA, Isabelly Regianne Brasil Braga da. **A Potência dos Encontros: Contribuições de Yvonne Lara e Elelwane Ramugondo para o campo da Terapia Ocupacional**. 2021. Dissertação (Mestrado em Terapia Ocupacional) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Revista Estudos Feministas**, v. n. 1, p 175, 2002.

CRENSHAW, Kimberlé. “Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics”. **The University of Chicago Legal Fórum**, n. 140, p. 139-167, 1989.

CRUZ, Luciana de Oliveira Miranda da. **Vozes negras**: a estética da diáspora no canto e na performance de cantoras negras brasileiras. 2021. Dissertação (Mestrado em Fonoaudiologia) - Programa de Estudos Pós-Graduados em Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2021.

EVARISTO, Conceição; DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org). **Escrevivência: a escrita de nós**: reflexões sobre a obra de Conceição. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FARIAS, Daniel Oliveira de. **Engajamentos Afetivos na Música em Salvador**: Territorialidades que articulam Gêneros Musicais e Identidades. 2001. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001.

FIGUEIREDO, Ângela. **Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial**. Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020. Disponível em: Disponível em: <http://>

[dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102](https://dx.doi.org/10.5965/2175180312292020e0102).

Acesso em: 30 mar. 2024.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**: ensaios. 5. Ed. - São Paulo, Cortez, v. 23, 2001.

FURTADO, Lucianna. “**Se é amor tem que ter bem-querer**”: Conselhos afetivos nas canções de Dona Ivone Lara e Leci Brandão sobre o amor. Ação Midiática – Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura., [S.l.], jul. 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/acaomidiatica/article/view/89938>.

Acesso em: 30 mar. 2024.

GARCIA, Isabella. **Narrativas Subalternas de Mulheres Negras na Construção da Interseccionalidade como Metodologia do Comitê da ONU contra Discriminação Racial**. 2023. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOMES, Vanilce Farias. **Práticas Feministas Negras**: fazeres, saberes, lugares e subjetividade (re) existentes. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, da Universidade Federal da Grande Dourados. Dissertação (mestrado). 2021. Disponível em: [sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/)

coleta/trabalhoConclusao. Acesso em: 02 abr. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. Ciências Sociais Hoje, Brasília, ANPOCS, n. 2, p. 223-244, 1983.

GUMES, Nadja Vladi; GARSON, Marcelo; ARGÔLO, Marcelo. “**Por acaso eu não sou uma mulher?**” Interseccionalidade em Luedji Luna e na cena musical de Salvador. Cadernos Pagu, n. 67, p. e236704, 2023.

HOOKS, bell. **Intelectuais negras**. Estudos Feministas, Florianópolis, ano 3, n. 2, p. 464-478, ago./dez. 2005.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação**: episódios de racismo cotidiano. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

LEITE, Isabelle Lins. **Negras vozes femininas – travessias**: Um defeito de cor, de Ana Maria Gonçalves e a lírica de Luedji Luna. 2023. 160 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2023.

LEITE JUNIOR, Jaime Daniel; FARIAS, Magno Nunes; MARTINS, Sofia. Dona Ivone Lara e terapia ocupacional: devir-negro da história da profissão.

**Revista Brasileira de Terapia Ocupacional**, v. 11, n. 3, p. 234-250, set. 2022.

LEMOS, Rosália de O. Os feminismos negros: a reação aos sistemas de opressões. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 185, ano XVI, out./2016.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**: ensaios e conferências. Tradução Stephanie Borges. Belo Horizonte: Autêntica, 2021, p. 137-171.

MARTINS, Zilda; AZEVEDO, Lídia Michelle; SILVA, Renata Nascimento da. Dona Ivone Lara vive: redes sociais e luta política. **Contemporânea**, Revista de Comunicação e Cultura - v.19 – n.03 – set-dez 2021 – 213-228| ISSN: 1809-9386. Porta de Periódicos UFBA. Acesso em 02 abr. 2024.

MENDONÇA, Pedro Macedo. **“Funk Carioca, Política, Gênero e Ancestralidade no Sarau Divergente**: Uma Pesquisa-Ação Participativa. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Música, UNIRIO. Rio de Janeiro, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2007.

MORAIS, Bruno Vinícius Leite. **O swing da cor**: a linguagem política do orgulho negro na black mu-

sic brasileira (1960-88). Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Minas Gerais. 23 de fevereiro de 2022 Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/60227>. Acesso em: 30 mar. 2024.

MORELI, Ligia Moreira. **Insurreição na garganta**: a estética-política em Elza Soares. 2021. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de Brasília, Brasília, 2021.

MOORE, Carlos. **Racismo e sociedade**: novas bases epistemológicas para entender o racismo. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.

MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o Racismo na escola**. 2ª edição revisada – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

NASCIMENTO, Bárbara Daiana de Anunciação. **Performance de Estética Negra Feminina**: um fenômeno comunicacional. Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Cachoeira, BA, 2021. Disponível em: [www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Dissertações](http://www.ufrb.edu.br/ppgcom/images/Dissertações). Acesso em: 02 abr. 2024.

OLIVEIRA, Deborah Batista Galeano Arco de. **“As minas no topo é uma afronta”**: protagonismo fe-

ministra e da mulher na cena do rap nacional”. Universidade Federal Fluminense Dissertação (mestrado), 2019. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao>. Acesso em: 02 abr. 2024.

PACHECO, Ana Laura Furtado. **Elas compõem, elas cantam:** uma pesquisa sobre a autoria feminina de samba. Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais. Dissertação, 2021. Disponível em: [repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream](https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream). Acesso em: 02 abr. 2024.

PAULA, Carla Moreira De. **Mulheres e funk:** valores, crenças e ethos. 2020. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

PIMENTEL, Elaine; WANDERLEY, Nathália. Silêncios e mitos numa perspectiva interseccional: do controle informal de corpos ao controle penal de mulheres negras. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, Brasília, v. 10, n. 2 p.247-294, 2020.

PEREIRA, Maria de Fatima Lima. As Transfigurações Imagéticas de Elza Soares. 2015. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

PEREIRA, Cristiane dos Santos. Coisas do meu pessoal: samba e enredos de raça e gênero na trajetória de Leci Brandão. 2010. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PICCOLO, Adriana Noronha. **O canto popular brasileiro:** uma análise acústica e interpretativa. 2006. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

PRADO, Bruna Queiroz. **Para gritar o céu:** o canto como desobediência feminina à cultura dos homens. Tese (doutorado). Programa de Pós-Graduação em Música. Universidade Estadual de Campinas, 2019.

QUEIROZ, Janaina Souza de. **Ubuntuísmo e Quilombismo na Música de Leci Brandão.** 2017. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

QUINTAS, Michel Eriton. **Da teologia da cultura:** antropologia teológica na obra de Elza Soares. 2020. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

RAMOS, Kely Priscila Barbosa. **Conflitos discursivos e seu consumo na cultura do cancelamento:** O caso Karol Conká. 2023. Dissertação (Mestrado em

[Área de Concentração]) – [Nome da Universidade], [Cidade], 2023.

RECHETNICOU, Mirian Marques. **A, B, C, D do Samba**: Construção da identidade vocal no samba – papel das cantoras Alcione, Beth Carvalho, Clara Nunes e Dona Ivone Lara. 2018. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das letras, 2018.

SATLER, Lara Lima; DIAS, Luciene de Oliveira; SILVA, Renata de Lima. Empoderamento feminino e a cena-digital da música preta brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Musicais**, v. 17, n. 4, p. 78-95, dez. 2023.

SCHMIDT, Simone. Pereira. Mulheres, negritude e a construção de uma modernidade transnacional. **Revista Estudos Feministas**, v. 27, n. 1, p. e 58957, 2019.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol.20, n 2, jul/dez 1995, pp 71-99.

SILVA, Marilda Santanna de Santana. **O afrontamento de Tássia Reis**: não toleramos mais o seu

xiu. Interfaces Científicas - Humanas e Sociais, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 93–100, 2020. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/humanas/article/view/8022>. Acesso em: 30 mar. 2024.

SILVA, Suelani Rocha da. **O feminismo negro nas canções de Bia Ferreira**. 2023. 83 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023. Disponível em: [www.bdttd.uerj.br:8443](http://www.bdttd.uerj.br:8443). Acesso em: 30 mar. 2024.

SOLIDADE, Luana Lise Carmo da. **Blues e Samba**: Traduzindo Corpos de Mulheres Negras em Performances de Billie Holiday e Elza Soares. 2017. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

SOUSA, Fernanda Kalianny Martins. **A filha da Dona Leci**: Estudo da trajetória de Leci Brandão. 2016. Dissertação (Mestrado em Música) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SOUZA, Álvaro Rene Oliveira de. **Carne preta, pele rara - contribuições para um teatro negro de resistência**. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2020.

SOUZA, Simone Monteiro Oliveira de. **‘Louco é quem me diz’: ‘tempos e lugares’ da Arte e da loucura**. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes Cênicas) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SOUZA, Santos, Glauce. **“Vixe!!! Que menina preta é essa?” Eu, Tássia Reis, Preta Rara e Negafya: na encruzilhada das rimas e dos afetos**. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura. Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2022.

TEIXEIRA, Rodrigo Faour. **Elza Soares: Da tradição à ruptura**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. 2020. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/scriptorium/article/view/36431>. Acesso em: 29 mar. 2024.

TEÓFILO, Rafaela Maria Teixeira. **A Transformação do Silêncio em Arte: A Arte de Mulheres Negras como Práxis Educativa Interseccional**". Universidade Estadual do Ceará, Centro de Educação, curso do Programa de Pós-graduação em Educação- Tese Doutorado Acadêmico. Fortaleza, 2022.

VIANA, Elizabeth Tavares. **Quem estava pronto para me Ouvir? Narrativas de Violência nas Biografias**. 2021. Dissertação (Mestrado em Direito) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

VIDEIRA, Juliana Cintia. **Elza Soares na escola: gênero e relações étnico-raciais na música popular brasileira e no ensino de história**. Dissertação (mestrado profissional), 2018. Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: <https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes>. Acesso em: 02 abr. 2024.

VLADI, Nadja Gumes; GARSON, Marcelo; ARGÔLO, Marcelo. Por acaso eu não sou uma mulher? Interseccionalidade em Luedji Luna e na cena musical de Salvador. **Revista Brasileira de Estudos Musicais**, v. 15, n. 2, p. 103-120, jun. 2023.

ZUCHINALI, Kacili. **Pisa nesse chão com força: decolonialidade, samba e design**. 2023. Dissertação (Mestrado em Design) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2023.

## NOTAS

<sup>1</sup>Todas as vezes que mencionarmos o nome de autoras e autores pela primeira vez, explicitaremos o nome por completo, num exercício de visibilizar intelectuais negras.

<sup>2</sup>Pseudônimo de Gloria Jean Watkins, a autora pede que seu nome seja escrito todo em minúsculo, visto que é uma homenagem a sua avó materna, Bell Blair Hooks, que não tinha medo de falar.